



O triste fim de Policarpo Quaresma

Lima Barreto

O livro começa com Policarpo Quaresma voltando para sua residência após seu trabalho, onde morava com sua irmã (Adelaide) e recebeu Ricardo Coração dos Outros para o jantar. Ricardo tem ensinado Quaresma a tocar violão.

A estrutura secundária do texto do primeiro capítulo, que é desenvolvida juntamente com o desenrolar desse enredo inicial, introduz informações associadas à figura de Policarpo: major, subsecretário, trabalha no Arsenal de Guerra e faz tudo sempre nos mesmos horários, a ponto de a vizinhança conhecer seus hábitos, como a hora em que ele regressava para casa. Tem uma biblioteca com livros da Literatura Nacional e também da História do Brasil. Por uma técnica de retomada de fatos, o autor ilustra o histórico de Quaresma a respeito de seu patriotismo: desde sua juventude, Quaresma era um ferrenho patriota e, desde então, defendia o Brasil com todo o fervor. Suas roupas eram nacionais, o jardim de sua casa tinha apenas espécies brasileiras e exigia até que a culinária fosse genuinamente nacional. Seu patriotismo era firme e seguro: não tinha nenhum traço regionalista e sua postura era de um genuíno brasileiro. Por isso ele estava engajado na arte de aprender a tocar violão e aprender as modinhas: para ele, esse era o ritmo musical brasileiro e tudo que ele quer é ter uma postura genuinamente nacional.

Num baile promovido para celebrar o noivado de Ismélia (filha do general) e Cavalcanti, corre a notícia de que Quaresma havia enlouquecido. Esse fato justifica o título desse capítulo (já que a notícia foi dada por Genelício).

Ao longo desse capítulo, são dados os detalhes do baile, com destaque ao comportamento e às convenções sociais da época (as solteiras parabenizavam a noiva e davam sugestões e dicas de, por exemplo, onde comprar o enxoval). Ismélia não parecia animada e, quando respondia às suas amigas, era sempre com monossílabos. Para a mulher, naquela época, seu papel fundamental se resumia ao casamento e, por conseguinte, às suas inerentes atribuições.

O autor aproveita esse capítulo também para descrever o círculo de amigos do general Albernaz (Alte. Caldas, Major Inocêncio, doutor Florêncio) e suas conversas no jogo (solo). Os militares, ao longo do livro, sempre conversavam sobre guerras e a glória do militarismo, mas nunca participaram de uma guerra sequer e nunca comandaram.

Quaresma mandou um requerimento para a Câmara dos Deputados, solicitando que a língua tupi se tornasse a língua oficial do Brasil a fim de conseguir a soberania nacional, já que o português era europeu. O fato foi motivo de piadas e sarcasmo pela publicidade durante duas semanas inteiras. Não se falava outra coisa na cidade a não ser o requerimento absurdo de Quaresma, já começando a ser visto como maluco. É importante lembrar que, para Quaresma, aquela solicitação era ingênua e puramente patriótica, mas não sabia as consequências que aquilo poderia dar.

Trecho em destaque: personalidade de Policarpo e sua postura em relação ao ocorrido.

Tudo isto irritava profundamente Quaresma. Vivendo há trinta anos quase só, sem se chocar com o mundo, adquirira uma sensibilidade muito viva e capaz de sofrer profundamente com a menor coisa. Nunca sofrera críticas, nunca se atirou à publicidade, vivia imerso no seu sonho, incubado e mantido vivo pelo calor dos seus livros. Fora deles, ele não conhecia ninguém; e, com as pessoas com quem falava, trocava pequenas banalidades, ditos de todo dia, coisas com que a sua alma e o seu coração nada tinham que ver.

O autor aproveita esse fato para apresentar outro personagem: Coleoni. Era rico e viúvo. Tinha uma filha chamada Olga. Morava numa grande casa, edificada e planejada por ele mesmo. Vivia sozinho, reservado e desejava casar a filha, mas evitava de forçá-la. Dava liberdade a ela, ao contrário do general e sua filha Ismália. É interessante que o autor aproveita o enredo para traçar, do eixo de desenvolvimento principal, pequenas histórias paralelas que ilustram outros personagens, estendendo ainda mais a visão sobre a sociedade da época.

Apesar de ter enriquecido, Coleoni tinha em grande conta o seu obscuro compadre. Havia nele não só a gratidão de camponês que recebeu um grande benefício, como um duplo respeito pelo major, oriundo da sua qualidade de funcionário e de sábio.

Europeu, de origem humilde e aldeã, guardava no fundo de si aquele sagrado respeito dos camponeses pelos homens que recebem a investidura do Estado; e, como, apesar dos bastos anos de Brasil, ainda não sabia juntar o saber aos títulos, tinha em grande consideração a erudição do compadre. Não é, pois, de estranhar que ele visse com mágoa o nome de Quaresma envolvido em fatos que os jornais reprovavam.

Quaresma, por distração em seu trabalho, acabou escrevendo um ofício durante seu expediente (no Arsenal). O ofício, em tupi, passou despercebido pelos secretários, pelo diretor e chegou ao ministério, gerando um verdadeiro rebuliço, pois ninguém havia entendido que diabo de documento era aquele. O homem mais hábil da secretaria pensou que estivesse escrito em grego. O ministro devolveu o ofício e censurou o arsenal. O coronel, muito irritado, suspendeu Policarpo Quaresma.

Policarpo ficou internado no hospício. Recebia a visita de Corleoni e de Olga. O autor aproveita essa oportunidade para falar mais sobre Olga e a relação dessa personagem com o casamento. Olga iria se casar com um doutor, mas ela mesma não sabia, ao certo, o que estava fazendo. Afinal, o casamento é mais uma convenção social, uma necessidade ao invés de ser algo inerente e introspectivo à vontade da própria pessoa. Simplesmente, era preciso se casar pois é assim que ocorre na sociedade.

—Vai casar-se, Dona Olga? Parabéns.

—Obrigada, fez ela.

—Quando é, Olga? perguntou Dona Adelaide.

—Lá para o fim do ano... Tem tempo...

E logo choveram perguntas sobre o noivo e afloraram as considerações sobre o casamento. E ela se sentia vexada; julgava, tanto as perguntas como as considerações, impudentes e irritantes; queria fugir à conversa, mas voltavam ao mesmo assunto, não só Ricardo, mas a velha Adelaide, mais loquaz e curiosa que comumente. Esse suplício que se repetia em todas as visitas, quase a fazia arrepender-se de ter aceitado o pedido.

Em paralelo com essa situação, o autor aproveita para ilustrar o que estava acontecendo com Ismênia:

Dona Adelaide contou então o drama que agitava a pequenina alma da filha do general. Cavalcânti, aquele Jacó de cinco anos, embarcara para o interior, há três ou quatro meses, e não mandara nem uma carta nem um cartão. A menina tinha aquilo como um rompimento; e ela, tão inca-paz de um sentimento mais profundo, de uma aplicação mais séria de energia mental e física, sentia-o muito, como coisa remediável que absorvia toda a sua atenção. Para Ismênia, era como se todos os rapazes asadoiros tivessem deixado de existir. Arranjar outro era problema insolúvel, era trabalho acima de suas forças. Coisa difícil! Namorar, escrever cartinhas, fazer acenos, dançar, ir a passeios — ela não podia mais com isso. Decididamente, estava condenada a não se casar, a ser tia, a suportar durante toda a existência esse estado de solteira que apavorava. Quase não se lembrava das feições do noivo, dos seus olhos esgazeados, do seu nariz duro e fortemente ósseo...

O autor aproveita também para fazer considerações sobre a cidade do Rio de Janeiro: a paisagem e os principais pontos perto do hospício. Os bondes andando vagarosamente, o clima agradável e ameno, um contraste com o ambiente doentio do hospício.

Ao longo dessa obra, fica cada vez mais evidente que o autor utiliza técnicas literárias para conciliar o enredo principal com apontamentos e ilustrações paralelas que evidenciam as características daquela sociedade naquela época.

Quaresma, após passar 6 meses no hospício, aparentemente curado, se retirou para o sítio do Sossego. Vejamos o estado de espírito do nosso personagem ao sair do manicômio:

Quaresma saiu envolvido, penetrado da tristeza do manicômio. Voltou à sua casa, mas a vista das suas coisas familiares não lhe tirou a forte impressão de que vinha impregnado. Embora nunca tivesse sido alegre, a sua fisionomia apresentava mais desgosto que antes, muito abatimento moral, e foi para levantar o ânimo que se recolheu àquela risonha casa de roça, onde se dedicava a modestas culturas.

A ideia de se recolher na roça veio de Olga após ver o desgosto do padrinho (Quaresma) ao sair do hospício. Quaresma logo se entusiasmou com a ideia de cultivar as férteis terras brasileiras. E, no início, deu certo.

E ele viu então diante dos seus olhos as laranjeiras, em flor, olentes, muito brancas, a se enfileirar pelas encostas das colinas, como teorias de noivas; os abacateiros, de troncos rugosos, a sopesar com esforço os grandes pomos verdes; as jabuticabas negras a estalar dos caules rijos; os abacaxis coroados que nem reis, recebendo a unção quente do sol; as abobreiras a se arrastarem com flores carnudas cheias de pólen; as melancias de um verde tão fixo que parecia pintado; os pêssegos veludosos, as jacas monstruosas, os jambos, as mangas capitosas; e dentre tudo aquilo surgia uma linda mulher, com o regaço cheio de frutos e um dos ombros nu, a lhe sorrir agradecida, com um imaterial sorriso demorado de deusa — era Pomona, a deusa dos vergéis e dos jardins!..

Quaresma era ajudado por Anastácio, o velho preto, que o ensinava a capinar. Eles capinavam, plantavam e preparavam a terra. Entretanto, Quaresma ignorava o fato de que as terras estavam cansadas e se esgotando. Para ele, as terras brasileiras eram as melhores do mundo e as terras da Europa eram plantadas há milhares de anos, logo julgava as terras perfeitas e ignorava o fato de que elas precisavam de um “descanso”.

— Isto hoje não presta, mas noutro tempo!... Este sítio já foi uma lindeza, major! Quanta fruta, quanta farinha! As terras estão cansadas e...

— Qual cansadas, Seu Antonino! Não há terras cansadas... A Europa é cultivada há milhares de anos, entretanto...

— Mas lá se trabalha.

— Por que não se há de trabalhar aqui também?

— Lá isso é verdade; mas há tantas contrariedades na nossa terra que...

— Qual, meu caro tenente! Não há nada que não se vença.

— O senhor verá com o tempo, major. Na nossa terra não se vive senão de política, fora disso, babau! Agora mesmo anda tudo brigado por causa da questão da eleição de deputados...

Ricardo Coração dos Outros, que andava desanimado e triste, lembrando as lembranças que o violão lhe trouxe e os versos antigos, é convidado a alegrar o baile de casamento de Quinota (outra filha do general Albernaz) e, aos poucos, seu nome fica cada vez mais comentado e divulgado, recebendo convite do dr. Campos (presidente da Câmara).

O próximo capítulo dá continuidade ao anterior, mostrando a ascensão de Ricardo com suas modinhas e versos. No início, temos o casamento de Olga, do qual Quaresma não participou.

Quaresma não fora à festa, mandara o leitão e o peru da tradição e escrevera uma longa carta. O sítio empolgara-o, o calor ia passar, vinha a época das chuvas, das sementeiras, e não queria afastar-se de suas terras. A viagem seria breve, mas mesmo assim, perdendo um dia ou dois, era como se começasse a desertar da batalha.

E quanto a Ricardo Coração dos Outros:

À festa do doutor Campos, seguiram-se outras a que Ricardo deu a honra de sua presença e alegria da sua voz. Quaresma não o acompanhava, mas gozava a sua vitória. Se bem que o major tivesse abandonado o violão, ainda continuava a prezar aquele instrumento essencialmente nacional. As

consequências desastrosas do seu requerimento em nada tinham abalado as suas convicções patrióticas. Continuavam as suas ideias profundamente arraigadas, tão-somente ele as escondia, para não sofrer com a incompreensão e maldade dos homens. Gozava, portanto a fulminante vitória de Ricardo, que indicava bem naquela população a existência de um resíduo forte da nossa nacionalidade a resistir às invasões das modas e gostos estrangeiros. Ricardo recebia todas as honras, todos os favores, por parte de todos os partidos. O doutor Campos, presidente da Câmara, era quem mais o cumulava de homenagens.

Quaresma, porém, foi atacado pelo jornal, que trazia o seguinte artigo:

*Quaresma, meu bem, Quaresma!
Quaresma do coração!
Deixa as batatas em paz,
Deixa em paz o feijão.
Jeito não tens para isso
Quaresma, meu cocumbi!
Volta à mania antiga
De redigir em tupi.*

E sua reação imediata foi essa:

O major ficou estupefocado. Que vinha ser aquilo? Por quê? Quem era? Não atinava, não achava o motivo e o fundo de semelhante ataque. A irmã aproximara-se acompanhada da afilhada. Quaresma estendeu-lhe o jornal com o braço tremendo: "Lê isto, Adelaide". A velha senhora viu logo a perturbação do irmão e leu com pressa e solicitude. Ela tinha aquela ampla maternidade das solteironas; pois parece que a falta de filhos reforça e alarga o interesse da mulher pelas dores dos outros. Enquanto ela lia, Quaresma dizia: mas que fiz eu? Que tenho com política? E coçava os cabelos já bastante encanecidos.

Quaresma continuava a insistir na ideia de que as terras Brasileiras eram as mais férteis do mundo: *Adubos?! É lá possível que um brasileiro tenha tal ideia! Pois se temos as terras mais férteis do mundo!*

Porém, antes mesmo de as terras se esgotarem, Policarpo foi surpreendido por um ataque de formigas.

O major levantou-se, agarrou o castiçal e foi à dependência da casa donde partia o ruído, assim mesmo como estava, em camisa de dormir. Abriu a porta; nada viu. Ia procurar nos cantos, quando sentiu uma ferroada no peito do pé. Quase gritou. Abaixou a vela para ver melhor e deu com uma enorme saúva agarrada com toda a fúria à sua pele magra. Descobriu a origem da bulha. Eram formigas que, por um buraco no assoalho, lhe tinham invadido a despensa e carregavam as suas reservas de milho e feijão, cujos recipientes tinham sido deixados abertos por inadvertência. O chão estava negro, e carregadas com os grãos, elas, em pelotões cerrados, mergulhavam no solo em busca da sua cidade subterrânea. Quis afugentá-las. Matou uma, duas, dez, vinte, cem; mas eram milhares e cada vez mais o exército aumentava. Veio uma, mordeu-o, depois outra, e o foram mordendo pelas pernas, pelos pés, subindo pelo seu corpo. Não pôde aguentar, gritou, sapateou e deixou a vela cair. Estava no escuro. Debatia-se para encontrar a porta; achou e correu daquele ínfimo inimigo que, talvez, nem mesmo à luz radiante do sol o visse distintamente...

Quaresma combateu ferozmente as formigas. Gastou dinheiro com formicidas e logo vieram os primeiros lucros do sítio com os abacateiros que ele havia livrado das ervas-de-passarinho. Sentiu-se muito orgulhoso, apesar de os lucros serem ínfimos por causa dos gastos e intensificou ainda mais o trabalho.

Entretanto, as formigas voltaram e atacaram tudo. O milho, que estava a meio palmo da terra, foi atacado por elas (saúvas) e não sobrou nada. Quaresma queimou os formigueiros com formicida, percorreu o sítio inteiro, bombardeando todos os buracos e entradas do sítio com veneno, gastando muito dinheiro com isso.

Acendeu um fósforo e o que viu, meu Deus! Quase todas as laranjeiras estavam negras de imensas saúvas. Havia delas às centenas, pelos troncos e pelos galhos acima e agitavam-se, moviam-se, andavam

como em ruas transitadas e vigiadas a população de uma grande cidade: umas subiam, outras desciam; nada de atropelos, de confusão, de desordem. O trabalho como que era regulado a toques de corneta. Lá em cima umas cortavam as folhas pelo pecíolo; cá embaixo, outras serravam-nas em pedaços e afinal eram carregadas por terceiras, levantando-as acima da descomunal cabeça, em longas fileiras pelo trilho limpo, aberto entre a erva rasteira.

Para completar, havia a rede de leis e os regulamentos que reprimiam o povo. Quaresma tinha, por lei, de capinar a calçada (que era cerca de 1200 metros) e tinha que pagar imposto por vender fora do município.

Em virtude das posturas e leis municipais, rezava o papel, o Senhor Policarpo Quaresma, proprietário do sítio "Sossego" era intimado, sob as penas das mesmas posturas e leis, a roçar e capinar as testadas do referido sítio que confrontavam com as vias públicas.

(...)Recebeu o papel e leu. Não vinha mais da municipalidade, mas da coletoria, cujo escrivão, Antonino Dutra, conforme estava no papel, intimava o Senhor Policarpo Quaresma a pagar quinhentos mil-réis de multa, por ter enviado produtos de sua lavoura sem pagamento dos respectivos impostos.

Diante de todos esses fatos, Quaresma abandonou o sítio e, na mesma hora, foi dar apoio ao presidente Mal. Floriano Peixoto, seu ídolo, já que a Revolta da Armada havia explodido. Mandou um telegrama para o Marechal:

"Marechal Floriano, Rio. Peço energia. Sigo já. — Quaresma".

O general Albernaz participou para fazer resistência contra a Revolta da Armada, porém não era por patriotismo, mas sim por precisar de dinheiro para casar a filha Ismênia. O Alte. Caldas participou por apenas desejar comandar uma esquadra, coisa que nunca havia feito na vida. Quando era capitão-tenente, foi indicado para comandar um navio. Procurou por todo o Brasil pelo navio e descobriu mais tarde que havia afundado na Guerra do Paraguai. O único que se comprometeu a defender o governo por patriotismo havia sido Policarpo Quaresma.

Quaresma se apresentou no Palácio Presidencial e foi falar diretamente com o Marechal. O ambiente, ao chegar, era assim:

Estava repleto, muitas fardas de oficiais; a avaliar por ali o Rio devia ter uma guarnição de cem mil homens. Os militares palravam alegres, e os civis vinham calados e abatidos, e mesmo apavorados. Se falavam, era cochichando, olhando com precaução para os bancos de trás.

(...)

Bastava a mínima crítica, para se perder o emprego, a liberdade, — quem sabe? — a vida também. Ainda estávamos no começo da revolta, mas o regime já publicara o seu prólogo e todos estavam avisados

(...)

Todos mandavam; a autoridade estava em todas as mãos. Em nome do Marechal Floriano, qualquer oficial, ou mesmo cidadão, sem função pública alguma, prendia e ai de quem caía na prisão, lá ficava esquecido, sofrendo angustiosos suplícios de uma imaginação dominicana.

É interessante notar a crítica do autor referente ao Positivismo. Leia esse trecho importante:

Os militares estavam contentes, especialmente os pequenos, os alferes, os tenentes e os capitães. Para a maioria a satisfação vinha da convicção de que iam estender a sua autoridade sobre o pelotão e a companhia, a todo esse rebanho de civis; mas, em outros muitos havia sentimento mais puro, desinteresse e sinceridade. Eram os adeptos desse nefasto e hipócrita positivismo, um pedantismo tirânico, limitado e estreito, que justificava todas as violências, todos os assassinios, todas as ferocidades em nome da manutenção da ordem, condição necessária, lá diz ele, ao progresso e também ao advento do regime normal, a religião da humanidade, a adoração do grão-fetichê, com fanhosas músicas de cornetins e versos detestáveis, o paraíso enfim, com inscrições em escritura fonética e eleitos calçados com sapatos de sola de borracha!... Os positivistas discutiam e citavam teoremas de mecânica para justificar as suas ideias de governo, em tudo semelhantes aos canatos e emirados orientais. A matemática do positivismo foi sempre um puro falatório que, naqueles tempos, amedrontava toda gente. Havia mesmo quem estivesse convencido

que a matemática tinha sido feita e criada para o positivismo, como se a Bíblia tivesse sido criada unicamente para a Igreja Católica e não também para a Anglicana. O prestígio dele era, portanto, enorme.

Quaresma redigiu um memorial que iria entregar para Floriano. Nele expunham-se as medidas necessárias para o levantamento da agricultura e mostravam-se todos os entraves, oriundos da grande propriedade, das exações fiscais, da carestia de fretes, da estreiteza dos mercados e das violências políticas.

Quaresma foi ver o Marechal. Essa era a fisionomia do presidente:

Era vulgar e desoladora. O bigode caído; o lábio inferior pendente e mole a que se agarrava uma grande "mosca", os traços flácidos e grosseiros; não havia nem o desenho do queixo ou olhar que fosse próprio, que revelasse algum dote superior. Era um olhar mortiço, redondo, pobre de expressões, a não ser de tristeza que não lhe era individual, mas nativa, de raça; e todo ele era gelatinoso — parecia não ter nervos.

Policarpo foi recebido por Floriano. Deixou o documento sobre a mesa de Floriano após uma rápida apresentação pessoal. Em seguida, o marechal, um pouco indiferente, rasgou parte do documento para escrever um bilhete. Dando-se conta disso, disse a Policarpo: *Ora! Quaresma! rasguei o teu escrito... Não faz mal... Era a parte de cima, não tinha nada escrito.*

Encontrando-se com o general Albernaz, descobriu que sua filha, Ismênia, acabou enlouquecendo com o delírio do casamento que não havia se realizado ainda.

A filha enlouquecera de uma loucura mansa e infantil. Passava dias inteiros calada, a um canto, olhando estupidamente tudo, comum olhar morto de estátua, numa atonia de inanimado, como que caíra em imbecilidade; mas vinha uma hora, porém, em que se penteava toda, enfeitava-se e corria à mãe, dizendo: "Apronta-me, mamãe. O meu noivo não deve tardar... é hoje o meu casamento." Outras vezes recortava papel, em forma de participações, e escrevia: Ismênia de Albernaz e Fulano (variava) participam o seu casamento. O general já consultara uma dúzia de médicos, o espiritismo e agora andava às voltas com um feiticeiro milagroso; a filha, porém, não sarava, não perdia a mania e cada vez mais se embrenhava o seu espírito naquela obsessão de casamento, alvo que fizeram ser da sua vida, a que não atingira, aniquilando-se, porém, o seu espírito e a sua mocidade em pleno verdor.

Os combates começaram. Davam tiros de canhões de qualquer jeito: o que importava era atirar nos navios, de qualquer modo.

— *O canhão! Já! Avante!* ordenou o comandante. E, em seguida, nervoso, recomendou:

— *Esperem um pouco.*

Correu a casa e foi consultar os seus compêndios e tabelas. Demorou-se e a lancha avançava, os soldados estavam tontos e um deles tomou a iniciativa: carregou a peça e disparou-a.

Quaresma reapareceu correndo, assustado e disse, entrecortado pelo resfolegar:

— *Viram bem... a distância... a alça... o ângulo... É preciso ter sempre em vista a eficiência do fogo.*

Fontes veio e sabendo do caso no dia seguinte riu-se muito:

— *Ora, major, você pensa que está em um polígono, fazendo estudos práticos... Fogo para diante!*

E assim era. Quase todas as tardes havia bombardeio, do mar para as fortalezas, e das

fortalezas para o mar; e tanto os navios como os fortes saíam incólumes de tão terríveis provas. Lá vinha uma ocasião, porém, que acertavam, então os jornais noticiavam: "Ontem, o forte Acadêmico fez um maravilhoso disparo. Com o canhão tal, meteu uma bala no 'Guanabara'." No dia seguinte, o mesmo jornal retificava, a pedido da bateria do cais Pharoux que era a que tinha feito o disparo certo. Passavam-se dias e a coisa já estava esquecida, quando aparecia uma carta de Niterói, reclamando as honras do tiro para a fortaleza de Santa Cruz.

Não havia espírito de patriotismo nenhum e Policarpo percebia isso. As deserções eram comuns. Na verdade, a revolta passou a ser festa, um divertimento para a cidade. Quando havia bombardeio, era como se fosse uma atração. As pessoas alugavam binóculos para observar, como se fosse uma apresentação de teatro. A revolta ia correndo de forma familiar. Até pessoas civis, de vez em quando, iam até o quartel para dar tiros de canhão. Quaresma, porém, levava tudo na seriedade. Estudava balística e artilharia a fundo e era exagerado em tudo.

O marechal visitava os postos durante à noite ou à madrugada, mal vestido com um chapéu de abas largas e uma curta sobrecasaca surrada. Quaresma o cumprimentava e o marechal respondia tudo muito preguiçosamente com monossílabos. Policarpo perguntou ao marechal se ele havia lido o memorando e Floriano respondeu que sim. Quaresma, alegre, começou a comentar, mas recebeu imediatamente uma indireta do ditador, que disse: *Mas, pensa você, Quaresma, que eu hei de pôr a enxada na mão de cada um desses vadios?! Não havia exército que chegasse... (...)Você, Quaresma, é um visionário...*

A filha do general Albernaz, Ismênia, piorava cada vez mais e nem mais valia a pena interná-la num hospital. O general tentou de tudo, desde médicos até feiticeiros e médiuns, mas nada resolveu o delírio e a loucura de sua filha.

O preto considerava um instante, como se estivesse recebendo as últimas comunicações do que não se vê nem se percebe, e dizia com a sua majestade de africano:

—Vô vê, nhãnhã... Tô crotando mandinga...

Ela e o general tinham assistido a cerimônia e o amor de pais e também esse fundo de superstição que há em todos nós, levavam a olhá-la com respeito, quase com fé.

—Então foi feitiço que fizeram à minha filha? perguntava a senhora.

—Foi, sim, nhãnhã.

—Quem?

—Santo não qué dizê.

Ismélia acabou morrendo pela loucura.

Quaresma foi ao enterro; ele não gostava muito dessa cerimônia; mas veio, e foi ver a pobre moça, no caixão, coberta de flores, vestida de noiva, com um ar imaculado de imagem. Pouco mudara, entretanto. Era ela mesma ali; era a Ismênia dolente e pobre de nervos, com os seus traços miúdos e os seus lindos cabelos, que estava dentro daquelas quatro tábuas. A morte tinha fixado a sua pequena beleza e o seu aspecto pueril; e ela ia para a cova com a insignificância, com a inocência e a falta de acento próprio que tinha tido em vida.

Uma ala do batalhão de Quaresma foi destacada para guarnecer a Ilha das Enxadas e Policarpo aceitou com relutância o cargo de carcereiro. Lá, estavam os marinheiros revoltosos presos. Alguns deles eram escolhidos para serem fuzilados sem motivo nenhum. Eles se aglomeravam nos alojamentos e eram mal tratados.

Policarpo escreveu uma carta ao marechal Floriano protestando contra o regime a qual os marinheiros foram submetidos e acabou sendo preso. No cárcere, ele pensava:

Iria morrer, quem sabe se naquela noite mesmo? E que tinha ele feito de sua vida? Nada. Levava toda ela atrás da miragem de estudar a pátria, por amá-la e querê-la muito, no intuito de contribuir para a sua felicidade e prosperidade. Gastara a sua mocidade nisso, a sua virilidade também; e, agora que estava na velhice, como ela o recompensava, como ela o premiava, como ela o condecorava? Matando-o. E o que não deixara de ver, de gozar, de fruir, na sua vida? Tudo. Não brincara, não pandegara, não amara — todo esse lado da existência que parece fugir um pouco à sua tristeza necessária, ele não vira, ele não provara, ele não experimentara.

Aqui, encontramos um breve resumo de suas atitudes ao longo do livro:

O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções.

Ricardo Coração dos Outros, ao saber que Quaresma estava preso, tentou de tudo para libertá-lo, pedindo a ajuda de Genelício, do general Albernaz e de Bustamante, mas nada eles puderam fazer.

Ricardo veio andando triste e desalentado, O mundo lhe parecia vazio de afeto e de amor. Ele que sempre decantara nas suas modinhas a dedicação, o amor, as simpatias, via agora que tais sentimentos não existiam. Tinha marchado atrás de coisas fora da realidade, de quimeras. Olhou o céu alto. Estava tranquilo e calmo. Olhou as árvores. As palmeiras cresciam com orgulho e titanicamente pretendiam atingir o céu. Olhou as casas, as igrejas, os palácios e lembrou-se das guerras, do sangue, das dores que tudo aquilo custara. E era assim que se fazia a vida, a história e o heroísmo: com violência sobre os outros, com opressões e sofrimentos

Tentou, por último, pela ajuda de Olga, a afilhada de Quaresma, mas também não conseguiu: fio tudo em vão.

E esse foi o triste fim de Policarpo Quaresma.